

# EDUCAÇÃO LITERÁRIA



**Os meus  
amores**

**Trindade  
Coelho**

AGRUPAMENTO



ESCOLAS de MAFRA



projecto  
**aLER+**  
PLANO NACIONAL  
DE L E I T U R A

**REDE DE  
BIBLIOTECAS  
ESCOLARES**

## Índice

O conto das três maçãzinhas de ouro .....	3
Parábola dos sete vimes .....	9

## O conto das três maçãzinhas de ouro

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Como não tinha com que os manter, nem trabalho para lhes dar, lembrou-se de os despedir todos por esse mundo fora, para que fossem procurar vida.

Chamou-os então, e disse-lhes assim:

- Filhos, eu não tenho que vos dar, e nem sequer trabalho; e por isso é preciso que cada um de vós vá tratar da vida, e ganhe para o seu sustento, porque eu já estou muito velho e não posso mais.

Os rapazes ficaram todos muito pensativos, mas nenhum deles disse palavra. Quando chegou a hora da partida, o pai chamou o mais velho e disse-lhe assim:

- Vê lá, filho, qual queres mais: a minha bênção, ou um bocado de pão para o caminho?

- Mais quero o pão - respondeu o filho mais velho.

O pai partiu uma fatia de pão e deu-a ao filho, que logo em seguida se foi embora.

Chamou depois o seguinte em idade, e fez-lhe a mesma pergunta; e esse respondeu também que mais queria o pão, e responderam o mesmo os outros todos até ao sexto.

Veio depois o mais novinho, que tinha só sete anos, e disse-lhe o pai as mesmas palavras:

- Vê lá, filho, qual queres mais: se o meu pão se a minha bênção.

O pequeno pôs-se a chorar, e respondeu que mais queria a bênção; - e o pai deitou a bênção ao filho mais novo, que se foi embora sempre a chorar.

Saíram os rapazes; e cada um tomou por caminho diferente, à procura de trabalho, ou de algum amo para se apreitar. O mais pequeno, esse a bem dizer nem sabia aonde ia, porque nem idade tinha para se governar, e às vezes sentava-se debaixo de uma árvore, e punha-se a chorar já muito cansado. Até que à boca da noite encontrou uma mulher muito bonita, que se voltou para ele e disse-lhe assim:

- Menino, tu onde vais?

- A ganhar a vida - respondeu o pequeno. - A ver se encontro um amo para me apreitar.

- Tão pequenino?!

Ele então contou-lhe o que se tinha passado com o pai mais com os outros irmãos, e a aparecida disse-lhe assim:

- Queres tu justar-te comigo?...

- Sim senhora, quero. Quem me dera! - respondeu logo o rapazinho.

- E então quanto queres ganhar?

- Eu, o que me der!

- Bem, então estamos justos! Mas olha lá que tens de me servir sete anos, e no fim dou-tos três maçãzinhas de ouro, que é a soldada. Queres?

- Quero, sim senhora.

E o pequeno foi algum tempo detrás da ama.

Mas vai senão quando, os dois desapareceram no ar, assim como uma nuvem de fogo! - O pequeno nem tinha desconfiado, mas a ama era Nossa Senhora.

Por lá andou o pequeno sete anos, que lhe pareceram a ele só sete dias; e no fim a ama mandou-o embora, e deu-lhe as maçãzinhas do ajuste, que eram três.

- Toma! Dá-as a teu pai, e diz-lhe que é para te sustentar com elas, mais aos teus irmãos. Toma.

Mas não as dês senão ao teu pai, ouviste?

O pequeno foi-se logo embora muito contente, morto por dar ao pai as três maçãzinhas, que haviam de chegar para ele e para os outros irmãos; e quando já ia perto de casa, encontrou dois que já tinham voltado, mas por sinal ambos muito pobres.

Os três puseram-se então a conversar; e o mais novo contou aos irmãos a boa ama que tinha encontrado, e mostrou-lhes as três maçãzinhas.

Os irmãos ficaram cegos com o brilho do oiro; e logo ali rogaram muito ao mais pequeno que lhes desse a cada um sua maçãzinha. Mas ele respondeu que só as dava ao pai, e o pai que as repartisse por todos como quisesse.

À vista disto, e como o irmão não queria dar as maçãs, à boamente, logo ali resolveram matá-lo e tirar-lhas depois, e se bem o pensaram melhor o fizeram; - mas qual não foi o espanto deles, quando viram que nem mesmo depois de morto arrancavam as maçãzinhas da mão do irmão?!

Os dois resolveram então enterrar o pequeno, e foram-se para casa depois de o enterrar, e muito crentes que o seu crime se não saberia, porque ninguém o tinha presenciado. Mas daí a mês pouco mais, um pastor passa por ali, e vê uma cana muito viçosa e muito bonita, que nascia onde o pequeno estava enterrado! Cortou-a e fez uma flauta. - Mas vai senão quando, o pastor põe-na à boca, e a flauta impeça a dizer:

*Toca, toca, ó pastor,  
Que meus irmãos me mataram,  
P'r amor de três maçãzinhas,  
E ao cabo não nas levaram.*

O pastor ficou muito aterrado com o sucedido, e foi-se dali onde a um carvoeiro, que andava no monte a fazer carvão, e contou-lhe o caso. O carvoeiro, inda mais espantado, pega na flauta e põe-se a soprar, e a flauta que entra logo a dizer:

*Toca, toca, carvoeiro, Que meus irmãos me mataram, P'r amor de três maçãzinhas E ao cabo não nas levaram.*

Ficou o carvoeiro que nem sabia donde era! E como estava de caminho para ir para a aldeia, e a flauta tinha a virtude de falar, pediu ao pastor que lha emprestasse, a ver se lá plo povo adivinhavam aquilo.

Levou a flauta o carvoeiro, e a primeira casa onde entrou foi a do ferreiro; e logo ali contou o que tinha acontecido e mostrou-lhe a flauta. Mal o ferreiro a pôs à boca, a flauta começou logo:

*Toca, toca, ó ferreiro,  
Que meus irmãos me mataram,  
P'r amor de três maçãzinhas  
E ao cabo não nas levaram.*

A este tempo entrava na forja o pai do morto, que ficou também muito admirado quando lhe contaram o que dizia a flauta! Pega também nela o pobre do velho e põe-se a soprar, e a flauta diz logo assim:

*Toca, toca, ó meu pai,  
Que meus irmãos me mataram,  
Por três maçãzinhas d'oiro  
E ao cabo não nas levaram.*

O velho pôs-se muito branco, e acudiu-lhe logo que as palavras da flauta diziam respeito à sua família. Nessa ocasião entrava na frágua um dos filhos do velho, que era um dos dois que já tinham voltado, e que trazia carvão para aguçar umas ferramentas. O pai parece que o coração lhe adivinhou, porque, mal o rapaz entra na forja, dá-lhe a flauta para que a tocasse:

- Toma! Toca essa flauta!

Leva o rapaz a flauta à boca, na boa fé, e ela começa logo:

*Toca, toca, meu irmão,  
Que tu mesmo me mataste,  
P'r amor de três maçãzinhas  
Que ao cabo não nas levaste!*

O rapaz ficou muito aterrado, e viu-se-lhe logo na cara o sinal do crime. Mas como os filhos do velho eram sete e só dois é que tinham voltado, precisavam saber qual era o morto. Foram-se então dali onde ao pastor, que os levou onde tinha cortado a cana; e cava-que-cava mesmo no sítio, não tardou que aparecesse o corpo do pequeno, e numa das mãos as três maçãzinhas!

Por mais que alguns fizeram, não foram capazes de lhe tirar as maçãs; mas mal que o pai lhe tocou, abriu a mão e largou-as logo. Viu-se então que se tratava de um grande milagre; e, levados à presença do cadáver, os dois irmãos confessaram o que se tinha passado - e logo ali apareceu a Virgem Santíssima e arrebatou para o céu o corpo do pequeno, no meio de uma nuvem de fogo! Logo em seguida a terra abriu-se e engoliu os dois irmãos!



### Parábola dos sete vimes

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os todos sete e disse-lhes assim:

- Filhos, já sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, quero que cada um de vós me vá buscar um vime seco, e mo traga aqui.

- Eu também? - perguntou o mais pequeno, que tinha só 4 anos. O mais velho tinha 25, e era um rapaz muito reforçado e o mais valente da freguesia.

- Tu também - respondeu o pai ao mais pequeno.

Saíram os sete filhos; e daí a pouco tornaram a voltar, trazendo cada um seu vime seco.

O pai pegou no vime que trouxe o filho mais velho e entregou-o ao mais novinho, dizendo:

- Parte esse vime.

O pequeno partiu o vime, e não lhe custou nada a partir.

Depois o pai entregou ao mesmo filho mais novo, e disse-lhe:

- Agora parte também esse.

O pequeno partiu-o; e partiu, um a um, todos os outros, que o pai lhe foi entregando, e não lhe custou nada parti-los todos.

Partido o último, o pai disse outra vez aos filhos:

- Agora ide por outro vime e trazei-mo.

Os filhos tornaram a sair, e daí a pouco estavam outra vez ao pé do pai, cada um com seu vime.

- Agora dai-mos cá - disse o pai.

E dos vimes todos fez um feixe, atando-os com um vincelho.

E voltando-se para o filho mais velho, disse-lhe assim:

- Toma este feixe! Parte-o!

O filho empregou quanta força tinha, mas não foi capaz de partir o feixe.

- Não podes? - perguntou ele ao filho.

- Não, meu pai, não posso.

- E algum de vós é capaz de o partir? Experimentai.

- Não foi nenhum capaz de o partir?, nem dois juntos, nem três nem todos juntos.

O pai disse-lhes então:

- Meus filhos, o mais pequenino de vós partiu sem lhe custar nada os vimes, enquanto os partiu um por um; e o mais velho de vós não pôde parti-los todos juntos: nem vós, todos juntos, fostes capazes de partir o feixe. Pois bem, lembrai-vos disto e do que vos vou dizer: enquanto vós todos estiverdes unidos, como irmãos que sois, ninguém zombará de vós, nem vos fará mal, ou vencerá. Mas logo que vos separeis, ou reine entre vós a desunião, facilmente sereis vencidos.

Acabou de dizer isto e morreu - e os filhos foram muito felizes, porque viveram sempre em boa irmandade ajudando-se sempre uns aos outros; e como não houve

forças que os desunissem, também nunca houve forças que os vencessem”.